



Perversão: Luzes e Trevas: Uma Jornada Psicanalítica no Contexto Histórico e Contemporâneo

Perversion: Light and Darkness: A Psychoanalytic Journey in the Historical and Contemporary Context

Nirléia de Lima dos Santos Siqueira

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar a perversão sob a ótica da psicanálise, especialmente a partir das contribuições de Freud e Lacan. Analisa-se o conceito de perversão não apenas como uma categoria diagnóstica, mas como uma estrutura clínica com lógica própria e funções defensivas específicas. A pesquisa busca compreender os elementos estruturantes da perversão, sua relação com a lei, o desejo e o gozo, bem como suas manifestações no laço social contemporâneo. Através de revisão teórica e análise de casos paradigmáticos, o estudo evidencia os impasses éticos e clínicos implicados no manejo da perversão, assim como sua potência de revelação das margens do inconsciente. O título “Luzes e Trevas” refere-se à dualidade presente na perversão: entre a engenhosidade da fantasia e o recalçamento da castração.

Palavras-chave: perversão; psicanálise; Freud; Lacan; estrutura clínica; gozo; desejo.

Abstract: This study aims to investigate perversion from a psychoanalytic perspective, especially through the contributions of Freud and Lacan. The concept of perversion is analyzed not merely as a diagnostic category but as a clinical structure with its own logic and specific defensive functions. The research seeks to understand the structuring elements of perversion, its relationship with the law, desire, and jouissance, as well as its manifestations within the contemporary social bond. Through theoretical review and analysis of paradigmatic cases, the study highlights the ethical and clinical dilemmas involved in the management of perversion, as well as its potential to reveal the margins of the unconscious. The title “Lights and Shadows” refers to the duality present in perversion: between the ingenuity of fantasy and the repression of castration.

Keywords: perversion; psychoanalysis; Freud; Lacan; clinical structure; jouissance; desire.

INTRODUÇÃO

A perversão como estrutura clínica desempenhou um papel significativo na teoria e prática psicanalítica, com implicações de longo alcance nas esferas clínica e social. Desde as primeiras formulações de Freud até as elaborações teóricas de Lacan, a perversão não se refere apenas a um repertório de práticas, mas designa uma posição estrutural em relação à castração, à lei e ao desejo do Outro. Em nossos dias, há também uma externalização da perversão do consultório, e somos testemunhas disso com o advento dos discursos midiáticos, das relações de consumo e das práticas sociais, que reivindicam um gozo desenfreado e reprimem ou recusam a lei simbólica. A presente pesquisa visa contribuir para a compreensão da perversão em sua relação com o vínculo social no contemporâneo, levando em conta as questões clínicas e éticas que derivam dessa situação. Ao falar sobre a

relação entre perversão, lei e desejo, este trabalho tentará complicar tanto o lugar da metáfora paterna quanto a relação do perverso com a transgressão, e como o gozo está em outro lugar que não é o simbólico: também é atravessada por uma realização que vai contra a interdição. As contribuições do ponto de vista clínico também serão incluídas, focando no problema do diagnóstico diferencial entre neurose, psicose e perversão e nas técnicas de escuta, interpretação e manejo da transferência. A psicanálise, complementada por observações clínicas, formará uma base de reflexão sobre o tratamento de sujeitos perversos. Finalmente, o trabalho abrirá uma análise para a dimensão social hoje: na posição do sujeito perverso no discurso capitalista, nas formas modernas de gozo mediadas pelo corpo, pela mídia, pela pornografia, e na crescente banalização da perversão na lógica do consumo.

JUSTIFICATIVA

Justifica-se a opção pelo tema que enuncia a perversão como uma estrutura clínica, no diálogo com o laço social contemporâneo através de uma urgência teórica e clínica de repensarmos os modos atuais de subjetivação e seus efeitos sobre a constelação psicopatológica dos sujeitos. Circulando desde as formulações seminais de Freud, que conceberam as perversões como estruturas defensivas contra a castração, até as elaborações lacanianas posteriores que posicionaram a perversão como uma posição subjetiva inscrita na preservação do gozo do Outro, o objeto moveu-se pelo campo da psicanálise como um vetor privilegiado para pensar sobre a forma como o sujeito se relaciona com a lei, o desejo e o limite. Na situação sociocultural atual de enfraquecimento cada vez maior das instâncias de regulação do desejo e de um discurso capitalista que apregoa a expansão ilimitada do gozo, queremos propor uma urgência de analisar a reconfiguração clínica da perversão e suas formas públicas de expressão. A difusão de práticas que velam a dimensão da falta, juntamente com uma recusa sistemática em submetê-lo à castração na ordem simbólica, bloqueia uma leitura que vá além dos manuais classificatórios, introduzindo a perversão no âmbito de uma lógica discursiva mais geral que considera a perversão não apenas de acordo com sua dimensão subjetiva, mas também em relação às suas vicissitudes sociopolíticas e culturais. Ao promover uma troca crítica entre referências psicanalíticas clássicas e características contemporâneas, este trabalho visa trazer o diagnóstico diferencial entre neurose, psicose e perversão para uma vivacidade, mas também uma reflexão e cuidado ético sobre a posição do analista como contraparte do sujeito perverso. Além da análise da mediatização da sexualidade, da pornografia como veículo de gozo desregulado e da estetização da transgressão no espaço social, este estudo pretende constituir uma proposta epistemologicamente coerente e clinicamente relevante, visando ampliar o campo de inteligibilidade das manifestações perversas e fornecer categorias que contribuem para a prática nos campos psiquiátricos e psicanalíticos no século XXI.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Abordar a perversão como uma estrutura clínica psicanalítica articulada a dinâmicas discursivas, éticas e sintomáticas contemporâneas, pretendendo investigar as mudanças subjetivas que atravessam as relações do sujeito com a lei, com o desejo e com o gozo.

Objetivos Específicos

Considerar as formas mais importantes pelas quais Freud e Lacan são importantes para como a perversão é conceituada como uma estrutura clínica, e sua lógica de defesa e posição subjetiva em relação à castração.

Examinar criticamente os critérios diagnósticos diferenciais para neurose, psicose e perversão em relação a essas implicações na prática psiquiátrica hoje.

Examinar as mutações socioculturais da perversão no discurso capitalista, considerando o impacto da mediatização do gozo, da pornografia, das novas formas de vínculo social.

Considerar os dilemas éticos inerentes ao tratamento analítico de pacientes perversos, particularmente o papel do analista e as estratégias de escuta e intervenção.

METODOLOGIA

Este estudo é qualitativo e teórico-conceitual e está ancorado em uma escolha metodológica de revisão crítica da literatura, referente aos vínculos entre psicanálise, psiquiatria e sociologia da subjetividade. É um estudo extremamente exploratório, cujo objetivo principal é problematizar a emergência clínica e social da perversão em suas referências atuais.

Você lerá trechos de obras clássicas e contemporâneas da tradição psicanalítica, focando em textos-chave de Sigmund Freud - especificamente, “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905) e “Pulsões e seus Destinos” (1915) - e Jacques Lacan - especificamente o Seminário 7, A Ética da Psicanálise (1959-1960) -, bem como elaborações adicionais em seus seminários e escritos. Além disso, serão contribuições consideradas de autores modernos, como Joel Birman, Octave Mannoni, Elisabeth Roudinesco, Christian Dunker, o já mencionado Nasio, Caligaris e Quinet, que fornecem desenvolvimentos teóricos interessantes para o trabalho clínico com a perversão e suas consequências sociais.

Artigos indexados entre 2018 e 2023, coletados de bases de dados como SciELO, PePSIC, PubMed e Google Scholar, farão parte do corpus, privilegiando textos em português que discutem este assunto a partir de uma abordagem estrutural e psicanalítica.

A análise obrigatoriamente seguirá os pressupostos da análise hermenêutica e discursiva, com a intenção de revelar os eixos conceituais que sustentam as diferentes leituras da perversão ao longo das últimas décadas. Categorias analíticas – lei simbólica, castração, gozo, metáfora paterna, fetichização, negação, transgressão, estrutura clínica – serão favorecidas.

A triangulação da perspectiva teórica, introduzindo referências freudianas, lacanianas e contemporâneas, permitirá uma operação interpretativa que não nega nem reduz a perversidade, respeitando a complexidade estrutural que a perversão pode adquirir no domínio intrapsíquico, bem como em suas manifestações culturais. Como se trata de uma pesquisa teórica, não serão coletados dados empíricos dos sujeitos da pesquisa. Inferências serão formadas com base na conversa desses textos e ajudarão a delinear considerações para formar uma base para futuras pesquisas clínicas.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com o paradigma das reflexões orientadas por Freud e Lacan sobre a estrutura da perversão, exige-se uma leitura dos atos de perversão que vai além dos critérios fenomenológicos da psiquiatria clássica. Enquanto Freud introduz uma compreensão metapsicológica da perversão como uma estrutura defensiva contra a castração e a renúncia pulsional, Lacan dá uma virada conceitual ao colocá-la como uma posição radical do sujeito contra a lei do desejo do outro.

A perversão, então, não se torna uma questão de uma lista de atos ou práticas desviantes, mas é formulada como um modo de funcionamento que estrutura o funcionamento do discurso do sujeito e do gozo na medida em que estrutura um pacto de manutenção do desejo do Outro em um circuito de gozo que escapa à dialética do desejo e da falta.

Em Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905), Freud acentuou a natureza construtiva da perversão para a sexualidade humana, ressaltando a universalidade veiculada na infância. Segundo o autor:

O menino polimorficamente perverso. Ele alcançará satisfação sexual de qualquer e toda parte, de fato, de todas as partes possíveis. É apenas posteriormente que o desenvolvimento, o aprendizado, a influência cultural, particularmente a repressão, trarão uma organização final dos genitais. Perversão no adulto = fixação (ou, regressão) a uma dessas formas infantis de gratificação sexual (Freud, 1996, p. 125).

O último não é um conceito moralizante do tipo “sexualidade perversa”, mas sim um resultado mais ou menos anulado da luz em que, para o ser falante, as demandas da cultura, da civilização, aparecem como modalidade impossível para o arranjo das pulsões (*déplieiment des pulsions*). No nível clínico, lidar com a transferência com sujeitos perversos exige que o analista-psicanalista adote uma postura ética que não se alie nem à sedução nem à moralização.

Como Nasio (1992) enfatiza, o analista deve manter uma escuta que proporcione ao sujeito perverso a oportunidade de enfrentar sua posição estrutural, sem que o tratamento se torne um mecanismo de ajuste de comportamento ou um esforço para restabelecer um ideal de saúde psíquica normativa. A escuta parece funcionar como um espaço de potencialidade contínua, onde o sujeito pode ser levado a duvidar para que sirva o gozo e qual é a lei, confirmando o lugar da castração como um aparato simbólico.

O vínculo moderno, tão fortemente marcado pelos discursos comerciais e pela lógica da produção ilimitada de gozo, tem alguns efeitos muito estruturais na perversão na clínica. A mediatização da sexualidade, a pornografia digital massificada e o estético “fazer de conta” em relação ao real da transgressão silenciam as formas de gozo que parecem funcionar à margem do simbólico.

Roudinesco (1994), no contexto das mudanças sofridas pela sexualidade na modernidade, fala de como “o perverso, nas últimas décadas, tornou-se um espetáculo público, transformado em produto e em entretenimento”, com o qual ela destaca sua banalização e sua nova organização no campo social.

Cuidados em relação às implicações éticas da posição do analista que está em risco, quando ele é tentado a oferecer uma significação moral ou educativa aos sofrimentos do analisando, podem ser encontrados no Seminário 7 de Lacan – A Ética da Psicanálise (1959-1960).

Como o próprio Lacan afirma:

Nossa ética é a do bem-dizer. Não temos que falar com o paciente em análise “com uma mensagem de salvação, cura ou adaptação”; nossa posição é dar ao paciente a chance de manter viva a verdade de seu desejo, mesmo que seja doloroso para o sujeito, mesmo quando enfrenta um sujeito com o que há de mais irredutível em sua própria estrutura (395) (Lacan, 1988, p. 385).

Christian Dunker (2012), por sua vez, comentando sobre as novas formas de dor psíquica, aponta que “a perversão contemporânea não é mais organizada em torno de interdições, mas sim em direção à gestão performativa do gozo, coarticulada a uma lógica do espetáculo e do visível”, acrescentando à urgência da necessidade de reconsiderar instrumentos clínicos com os quais tratar essa estrutura, hoje em dia.

Essa abordagem fortalece o apelo ético que recai sobre o clínico, para manter um espaço de escuta que não sucumba à sedução de uma cura fácil, que mantenha o respeito pela complexidade e singularidade da posição subjetiva de cada sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perversão, como uma dimensão estrutural da psicopatologia psicanalítica, mostra-se um território fértil para questionamento e reflexão da sociedade. Uma

leitura que pretenda tentar salvar o rigor conceitual contemporâneo das formulações freudianas e lacanianas e adaptar os conceitos a um mundo marcado por novos modos de subjetivação, caracterizados pelas trevas da hiper mediação, pela lógica do consumo e pela estetização da transgressão.

Nesse sentido, a pesquisa reafirma as luzes que propiciam a função clínica da escuta, a ética da psicanálise, concebida como um compromisso radical com o desejo singular e a posição subjetiva do analisando, não de uma ordem moralista ou reducionista como Nasio (1992, p. 42) diz, “o analista não está lá para saber melhor do que o sujeito o que é bom e o que é ruim para ele, mas sim para ajudá-lo, por meio da escuta, a encontrar a verdade de seu próprio desejo”.

Essa perspectiva ética enfatiza a tarefa de que a gestão clínica com sujeitos perversos não deve se tornar uma “função de normalização, mas um lugar onde se pode investigar a posição subjetiva em relação ao gozo e à lei”. Além de constituir uma estrutura perversa – e não limitada a atos sexuais desviantes –, da lógica discursiva que marca o vínculo social, isso significará que os psiquiatras analistas deverão se posicionar em relação às novas formas de sofrimento psíquico.

Por último, esta pesquisa destaca a necessidade de um trabalho permanente de articulação entre teoria e prática clínica, e entre o conhecimento da psiquiatria, psicanálise e ciências sociais. Essa articulação é necessária para que os sujeitos perversos sejam geridos ética e clinicamente de forma responsável e rigorosa, atentos às mutações do mal-estar na civilização que atravessam o sujeito hoje.

Espera-se que este estudo faça contribuições substanciais tanto para o desenvolvimento teórico quanto clínico na compreensão da estrutura da perversão como uma estrutura psíquica, em particular em seu ponto de contato com os impasses éticos, diagnósticos e sociais que atualmente pesam sobre as práticas psiquiátricas e psicanalíticas.

A razão para ser otimista neste ponto é que o presente trabalho pode, esperançosamente, fornecer uma forte espinha dorsal teórica para futuros estudos empíricos, bem como disciplinas mais éticas e clinicamente sólidas.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Além do princípio de prazer: Psicanálise e clínica contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

CALIGARIS, C. **A clínica do vazio: Psicanálise e pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

DUNKER, C. I. L. **Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento**. São Paulo: Annablume, 2012.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)**. In: FREUD, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.

FREUD, S. **Os instintos e suas vicissitudes (1915)**. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.

LACAN, J. **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960)**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

MANNONI, O. **O homem e o saber**. Lisboa: Moraes Editores, 1969.

NASIO, J.-D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

POMMIER, G. **O corpo e suas imagens: Clínica psicanalítica das psicoses**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1993.

PORTAL de Periódicos Eletrônicos. **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Acesso em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/22672>.

PORTAL de Periódicos do Centro Universitário Alfredo Nasser. **Mais informações sobre o sistema de publicação, a plataforma e o fluxo de publicação do OJS/PKP**. Acesso em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/psiemmov/article/view/1734>.

ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

QUINET, A. **O corpo em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.